

La Comédiathèque



comediatheque.net

**Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo
gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos
direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>**

Ressaca

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Tomás e Lisa convidaram David e Emma, um casal que conheceram num restaurante, para beber um copo em sua casa. Nessa noite, depois de alguns copos, pareceram dar-se muito bem. Agora, já sóbrios, descobrem que quase nada têm em comum. A noite promete ser interminável. A menos que...

Personagens

Tomás

Lisa

David

Emma

© La Comédiathèque

Um casal de aspeto algo desleixado espera na pequena sala de um apartamento sombrio. Um sofá encardido e uma mesa de centro cheia de louça suja.

Tomás – Eles não vêm.

Lisa parece ouvir.

Lisa – Nunca tinha reparado que daqui se ouve o metro. Tu já tinhas reparado?

Tomás – Estou a dizer-te que eles não vêm!

Lisa – Se calhar antes fazia menos barulho... Quando os comboios eram mais novos...

Tomás – Ao menos deste-lhes a morada certa?

Lisa – Ou então sou eu que ouço melhor com a idade... Normalmente é ao contrário...

Tomás (*mais alto*) – Deste-lhes a morada?

Lisa – Não precisas de gritar! Não sou surda!

Tomás – O metro...

Lisa – Dei, sim. Escrevi-a na toalha da mesa...

Tomás – Na toalha da mesa?

Lisa – Num bocadinho da toalha de papel! Também temos de poupar. Achas que ainda temos dinheiro para ir a restaurantes com toalhas de pano?

Tomás – Se calhar perderam a morada. O papel ficou num bolso e foi parar à máquina de lavar. Acontece muito.

Lisa – Ai sim? E tu lá sabes? Desde quando é que pões a roupa a lavar?

Tomás – Um papelinho desses perde-se num instante.

Lisa ouve de novo.

Lisa – Outro metro... Se calhar vêm naquele...

Tomás – Devíamos mandar fazer cartões de visita.

Lisa – Cartões de visita?

Tomás – Hoje, pela internet, mandas fazer cem por meia dúzia de euros.

Lisa – E para que raio queremos cem cartões de visita?

Tomás – Sempre é melhor do que um pedaço de toalha de papel.

Lisa – E a quem é que íamos dar os teus cem cartões?

Tomás – Sei lá... Às pessoas que conhecemos.

Lisa – Que pessoas? Nós nunca conhecemos ninguém!

Tomás – Então e estes dois? Conhecemo-los, não conhecemos?

Lisa – Ao ritmo a que conhecemos gente, um cartão de dez em dez anos chega e sobra.

Tomás – Pois, mas não se encomendam cartões um de cada vez. O mínimo são cem.

Lisa – Enfim... Foste tu que disseste que eles não vinham...

Tomás – Se lhes tivéssemos dado um cartão em vez daquele pedaço de toalha todo engordurado, talvez viessem.

Lisa – Só porque lhes dávamos um cartão de visita?

Tomás – Porque o raio do papel não teria ido parar à máquina de lavar! É por isso! O cartão é de cartolina, perde-se menos e, mesmo depois de uma lavagem, ainda se consegue ler.

Lisa – Tens razão. Vamos encomendar cartões impermeáveis, laváveis à máquina. Vê lá se os encontras na internet.

Tomás – De qualquer maneira, não vêm.

Lisa – Ainda só são nove horas.

Tomás – Tínhamos dito oito e meia.

Lisa – Ele disse «entre as oito e meia e as nove». Lembro-me perfeitamente, porque tu perguntaste: «Às oito e meia ou às nove?»

Tomás – E o que ele respondeu?

Lisa – Acho que ele preferiu fingir que era uma piada.

Tomás – Pois já são nove. Passámos do limite que combinaram e ainda não apareceram.

Lisa – «O limite do horário»... Ainda bem que não os convidaste para jantar!

Tomás – Ah, agora fui eu que os convidei?

Lisa – Não foste tu?

Tomás – Eu só disse que era giro voltarmos a encontrar-nos um dia para beber um copo. Não disse qual dia! Foste tu que logo marcaste a data.

Lisa – Não querias que eles viessem?

Tomás – Sim, mas...

Lisa – Se convidas alguém, tens de combinar um dia. Senão, que figura é que fazíamos?

Tomás – Disse aquilo só por educação.

Lisa – Por educação? Tomi, estás a assustar-me. Tens a certeza de que te sentes bem?

Tomás – Como nos tínhamos dado mais ou menos bem... Nunca pensei que aceitassem.

Lisa – Pois olha, ainda bem que não apareceram. Nem sequer são o nosso género de gente. Não sei o que te passou pela cabeça para os convidares.

Tomás – E qual é o nosso género?

Lisa – O género de gente que não tem cartões de visita porque não tem nada para lá escrever! O que é que ias pôr no teu?

Tomás – Ao menos podiam ter telefonado a desmarcar. É o que se faz, não é? Ou também perderam o nosso número? Deste-lhes o número?

Lisa – Claro. Escrevi-o naquele pedaço de toalha de papel. Aquele que foi à máquina com a roupa suja.

Toca a campainha.

Lisa – Ah... Se calhar a máquina avariou.

Tomás fica paralisado.

Tomás – Merda, são eles!

Lisa – Quando convidas pessoas, arriscas-te a que apareçam. Se não queres vê-las, não as convides.

Tomás – Então vai abrir! Pode ser engano.

Lisa lança-lhe um olhar furioso e vai abrir a porta.

Lisa – Olá, David!

David (*fora de cena*) – Olá, Lisa! Parece que ficaram surpreendidos por nos ver!

Emma (*fora de cena*) – Não tínhamos combinado para quinta-feira por volta das nove?

Lisa (*fora de cena*) – Sim, entre as oito e meia e as nove. Mas como já são nove e dois, o Tomás achou que não vinham.

David (*fora de cena*) – Ah, ah! Essa é boa!

Lisa (*fora de cena*) – Entrem, entrem! Tomás, não foi engano! É o David, com a mulher!

Entram David e Emma, de aspeto mais cuidado do que os anfitriões. Cumprimentam-se com um aperto de mão.

Tomás – Olá, olá... Olá, Emma... É Emma, não é?

David – É, sim. Mudou imenso desde que nos vimos, na semana passada, mas continua a ser a minha mulher.

Tomás – Não, queria dizer... Chama-se mesmo Emma?

Emma – Sim, sou a Emma. O meu marido está a brincar consigo.

David (*dando uma palmadinha no ombro da mulher*) – Muito bem, Emma.

Emma – Fui só ao cabeleireiro.

Lisa – Ah, nota-se! Está muito melhor. Não achas, Tomás?

Tomás – O quê?

Lisa prefere mudar de assunto.

Lisa – Não esperem grandes cerimónias. Não preparámos nada de especial.

Emma – Mas combinámos apenas beber um copo. Não é preciso mais nada.

David – E trouxemos uma garrafa de espumante.

Tomás – Espetáculo! Temos cerveja! Podemos fazer uma Cerveja Royal!

Lisa – «Cerveja Royale», Tomás. Se queres armar-te em fino, ao menos diz bem.

Tomás – É cerveja com champanhe, seja qual for a ordem das palavras.

Emma – O meu marido está a ser modesto. Não é um espumante qualquer, é champanhe.

David – Compramo-lo a um pequeno produtor.

Emma – Se gostarem, podemos dar-vos o contacto.

Lisa – Champanhe! Tomás, não vais misturar a tua cerveja barata com um champanhe destes!

Tomás – Barata, não! Estava em promoção!

Lisa – Nós convidamo-vos e são vocês que trazem a bebida. Sentem-se, por favor. Tomás, vai buscar as bolachas salgadas e os amendoins.

Tomás – Temos bolachas e amendoins?

Lisa – Claro que temos! Tenho de escondê-los, senão este come tudo a ver futebol na televisão, e quando chegam visitas não sobra nada. Vá lá, Tomi, despacha-te!

Tomás – Mas como hei de saber onde estão, se foste tu que os escondeste?

Lisa – Ai, os homens! Não se lhes pode pedir nada. Vou eu. Desculpem, já volto. Estejam à vontade, sintam-se em casa.

Lisa sai.

Tomás – Espero que não estejam fora do prazo há muito tempo... Nunca recebemos ninguém.

David – Ah, ah! Este Tomás é uma personagem! Convosco é impossível aborrecermos-nos! Não é, Emma?

Tomás, que não estava a brincar, fica um pouco surpreendido. Segue-se um silêncio embaraçoso. Os convidados observam discretamente a sala degradada.

Emma – Vejo que estão bem instalados.

Tomás – Vai-se andando. É pequeno, mas pelo menos... para nós dois não é grande demais.

Emma – Sim, claro...

David – Têm filhos, Tomás?

Tomás – Podíamos ter tido, mas... Não aconteceu.

Emma – Talvez ainda não seja tarde.

Tomás – Agora já é. E não há espaço. Onde é que os metíamos?

David – Sim, isso é verdade...

Lisa regressa com um tabuleiro de bolachas salgadas e amendoins.

Lisa – Aqui está qualquer coisa para petiscar. Ainda não abriram o champanhe?

Tomás – E a cerveja?

Lisa – Tomás! Não mistures cerveja com champanhe a sério!

Emma – Mas se lhe apetece... Eu também provo, para lhe fazer companhia.

Tomás – Estás a ver? A Emma também quer. Vou buscá-la.

Tomás levanta-se e sai.

David – Afinal, também não é um champanhe extraordinário.

Lisa – Hoje em dia há champanhe no supermercado ao preço de uma caixa de cervejas. Quem diria!

David – Esperemos que este não saiba a cerveja.

Lisa – Não me referia ao vosso, claro. O vosso vem de um produtor.

David – E acha que o do supermercado vem de onde? De um produtor muito maior, suponho. Estou a brincar, evidentemente.

Tomás (fora de cena) – Lisa! Onde é que está a cerveja?

Lisa (suspirando) – Ai, este homem... Com licença, já volto.

Lisa sai. O sorriso educado de Emma desaparece de imediato.

Emma – Meu Deus, David, o que é que viemos fazer aqui?

David – Não exageres. São um bocadinho... pitorescos, mas são simpáticos, não são?

Emma – Pitorescos? Isto é um autêntico casal de brancos!

David – Ouve, querida, não podemos conviver apenas com pessoas iguais a nós. Os colegas de trabalho... ou a tua mãe.

Emma – O que é que tem a minha mãe?

David – Nada. Mas temos de ser tolerantes. Não estás sempre a dizer aos miúdos que devemos respeitar quem é diferente de nós?

Emma – Mas, David, eu estou a falar de pessoas com deficiência!

David – Ao menos dos pobres ainda podemos rir-nos à vontade. Descontrai! Tenho a certeza de que amanhã só vamos recordar os momentos divertidos desta noite inesquecível.

Emma – Amanhã? Se não morrermos entretanto de alguma infeção. Olha para este pardieiro! Nem me atrevi a sentar-me no sofá, com medo de ficar colada àquela gordura. E a louça suja? Há bolor a crescer naquele prato!

David – De facto... Estou a ver.

Emma – Imagina que insistem que fiquemos para o jantar!

David – Tens razão. Isso seria bastante desagradável.

Emma – Desagradável? Era uma porcaria! Uma grande porcaria!

David – Mas que linguagem é essa?

Emma – Não sei... Talvez já esteja contaminada.

David – Devíamos ter verificado se tínhamos as vacinas em dia antes de vir.

Emma – Eu bem te disse que este convite não me cheirava bem!

David – Sim, mas agora já é tarde demais.

Emma – Ouve-me, David, estou a falar como psicóloga. Aquele tipo não é de confiança.

David – E baseias-te em quê?

Emma – Tem a mão mole!

David – Mole? Queres dizer suado?

Emma – Mole. Senti-o quando me cumprimentou.

David – Ainda bem que estudaste Psicologia. Eu nunca teria percebido.

Emma – E não venhas com a tua tolerância pelos trabalhadores mais modestos. Só vieste porque querias pedir-lhe a serra de recortes emprestada!

David – A serra de recortes?

Emma – Para acabares de montar as prateleiras da casa de banho! Quando saímos do restaurante, perguntei-te porque tinhas aceitado e tu disseste: «Este tipo tem mesmo cara de quem tem uma serra de recortes.»

David – Está bem, vamos manter a calma. Ficamos mais um pouco, para não sermos mal-educados, e depois saímos.

Emma – E se nos fôssemos embora discretamente enquanto estão na cozinha?

David – Querida, não podemos fazer isso. Era uma falta de educação.

Emma – Eles nem sequer têm a nossa morada.

David – Tens razão. Vamos embora.

Levantam-se, mas Tomás volta com umas latas de cerveja, seguido de Lisa.

Tomás – Cá está a cerveja!

Lisa entrega a garrafa de champanhe a David.

Lisa – Vá lá, a honra é sua!

David pega na garrafa.

Lisa – E tu vai buscar as taças, Tomás!

Tomás – As taças? Nem sei onde estão! Nem sabia que tínhamos taças!

Lisa sai, suspirando. David prepara-se para abrir a garrafa, mas detém-se.

David – Vou esperar um pouco. Não queria que este precioso néctar acabasse derramado na alcatifa.

Emma – A garrafa pode ter sido agitada no metro.

Tomás – Eu trato da cerveja.

Lisa regressa com quatro taças, que pousa na mesa de centro.

Lisa – Cá estão as taças.

Tomás – Quem quer um pouco de cerveja no champanhe?

Emma – Eu acompanho-o.

Tomás deita um pouco de cerveja em duas taças. David abre a garrafa de champanhe.

David – Pronto!

David acaba de encher as taças com champanhe.

Lisa – Olha, até faz bolhinhas!

David – Pois faz.

Tomás – É assim que se vê que é champanhe a sério.

Lisa – Sirvam-se das bolachas.

Servem-se.

Emma – Obrigada...

David – Pois bem, à vossa saúde!

Tomás – Isso, saúde!

Brindam e bebem.

Emma – Acho que podia estar um pouco mais fresco, não concordam?

Lisa – Para mim está ótimo assim.

Tomás – Com cerveja ainda sabe melhor!

Voltam a beber para disfarçar o silêncio.

Emma – É curioso estarmos aqui todos juntos desta maneira...

David – Sim, foi muito amável da vossa parte convidarem-nos.

Emma – Mal nos conhecemos, afinal...

David – Mas divertimo-nos bastante naquele restaurante.

Lisa – Pois foi. Já nem me lembro bem porquê...

Emma – Sinceramente, eu também não.

David – É verdade que bebemos uns copos a mais, não foi?

Lisa – Ah, foi?

Emma – Eu, pelo menos, estava bastante alegre.

Lisa – Querem mais um bocadinho?

Emma – Com prazer!

Lisa volta a encher as taças.

Lisa (para David) – Continua sem querer cerveja?

David – Não, obrigado.

Emma – Que tempo estranho, não acham?

Lisa – Pois é...

Emma – Nunca se sabe se vai chover ou fazer sol.

David – O tempo anda muito instável.

Emma – Pois anda. Num dia está calor, no outro está frio.

David – As previsões mudam de um momento para o outro.

Emma – É incrível como o tempo muda de um dia para o outro.

Lisa – Pois... (*Silêncio.*) Estás bem, Tomi? Adormeceste?

Tomás – Não. Porquê?

Lisa – Não dizes nada.

Tomás – E que queres que diga?

Lisa – Quando temos visitas, temos de fazer conversa.

David – Talvez o Tomás esteja à espera de ter alguma coisa interessante para dizer.

Lisa – Nesse caso, vão ter de esperar sentados.

Tomás – O que é que isso quer dizer? Achas interessante a conversa que tens tido? Vocês acham?

Emma – Bem, eu...

Tomás – Cerveja com champanhe, champanhe com cerveja! Achas que eles vieram para uma prova de vinhos? *(Aos convidados.)* Vieram cá fazer uma prova de vinhos?

David – Não, naturalmente...

Tomás – Estás a ver? Vieram beber um copo, não ter aulas de enologia!

Lisa – Então força! Diz lá alguma coisa que interesse aos nossos convidados.

Tomás – Porque não? *(Pausa.)* Assim de repente não me ocorre nada... Mas não estamos com pressa, pois não? Vocês estão?

David – Não, de maneira nenhuma.

Tomás – Estás a ver? Ninguém tem pressa. Estamos a beber um copo. Tu é que nos pões nervosos!

David e Emma trocam um olhar perplexo.

Emma – E vocês, o que fazem na vida? No restaurante mal tivemos ocasião de conversar a sério.

Tomás não responde. Lisa também não. Amuam e lançam olhares de esguelha um ao outro enquanto bebem, esquecidos dos convidados. Tomás procura um assunto de conversa.

Tomás – Apanharam muito trânsito?

Lisa revira os olhos, suspirando perante a banalidade da pergunta. Tomás lança-lhe um olhar furioso.

Emma – Viemos de metro.

David – Moramos a três estações daqui.

Emma – Aliás, ouve-se muito bem o metro aqui em casa, não se ouve?

Lisa – Estás a ver?

David – O metro? Eu não ouço nada.

Tomás – A minha mulher ouve vozes como uma profetisa. Só que as dela anunciam comboios.

David – A minha também, pelos vistos.

Emma – David, por favor!

David – Estava a brincar. Talvez sejam acufenos.

Emma – Acufenos? Como é que eu e a Lisa ouviríamos o mesmo comboio ao mesmo tempo, se fossem acufenos?

Tomás – Acu... quê?

David – Ouvir sons que na realidade não existem.

Lisa – Que não existem? Está a chamar-nos malucas? A culpa não é nossa se vocês os dois são surdos como uma porta! Não é, Marta?

Emma – Desculpe, chamo-me Emma.

Tomás – Emma, Marta... É tudo quase a mesma coisa! Sobretudo para quem ouve mal.

Lisa – Ora bem, os nossos convidados queriam saber o que fazes na vida.

Tomás – A nível de trabalho?

Lisa – Claro que é a nível de trabalho!

Tomás – Atualmente, trabalho no serviço municipal de recolha de resíduos.

David – De resíduos?

Lisa – O meu marido é cantoneiro do lixo.

Tomás – Acho que tinham percebido, não?

Emma – Não há profissões indignas. Que seria de nós se ninguém recolhesse os nossos resíduos?

Lisa – Pois é. E o vosso lixo é o meu marido que o recolhe.

Tomás – Nem imaginam o que as pessoas deitam para o lixo. Uma vez até encontrámos um bebé!

Emma – Um bebé?

Tomás – Vivo, atenção!

Lisa – Pensámos em ficar com ele, mas era preciso preencher uma carrada de papéis.

Emma – Sim... No tempo de Moisés devia ser mais simples.

Tomás – Moisés?

Emma – Moisés, o bebé que puseram num cesto a flutuar no Nilo. Foi a filha do faraó que o encontrou.

Tomás – E depois?

Emma – Nada, é que... estava num cesto, não num caixote do lixo, mas lembra um pouco a mesma história.

Lisa – Nunca ouvi falar. Mas hoje em dia vê-se cada coisa... Foi há muito tempo?

David e Emma trocam um olhar preocupado.

David – E a Lisa? O que fazia antes de estar de baixa?

Tomás – A Lisa? Não faz nada.

Lisa – Estou de baixa médica.

Tomás – Há cinco anos.

Lisa – E tenho culpa de estar deprimida?

Tomás – Eu também não tenho.

Lisa – Isso é o que tu dizes.

David – E antes da baixa, o que fazia?

Lisa – Trabalhava nos serviços prisionais.

Tomás – Era guarda prisional. Carcereira, se preferirem.

Emma – Imagino que seja um trabalho bastante deprimente.

Lisa – Foi precisamente na prisão que conheci o meu marido.

David (*para Tomás*) – O Tomás também foi guarda prisional, antes de trabalhar na recolha de lixo?

Lisa – Não... O Tomás era recluso.

David – Recluso...

Emma – Estou a perceber.

Lisa – Conhecemo-nos na prisão. Estávamos de lados diferentes das grades, mas depois encontrámos pontos em comum.

Tomás – Sim. Agora cumprio a pena em casa.

David – Com pulseira eletrónica?

Tomás – Não. Só com uma aliança banhada a ouro.

David – Pois... Estou a ver.

Silêncio.

Lisa – Não vão perguntar porque é que o meu marido esteve preso?

Emma – Bem...

David – Não queríamos ser indiscretos.

Tomás – Foi tudo um mal-entendido.

Lisa – Uma injustiça, coitado!

David – Então foi ilibado num novo julgamento?

Lisa – Não. Reduziram-lhe a pena. Acho que a única pessoa que ele convenceu da sua inocência foi o advogado.

Tomás – Era advogado oficioso. Estava a começar.

Tomás tira mais uma mão-cheia de amendoins. Lisa lança-lhe um olhar de censura.

Lisa – Sirvam-se, antes que acabem. E vocês, trabalham em quê?

David – Eu... Mas, por favor, Emma, começa tu.

Emma – Trabalho com crianças com deficiência.

Tomás – Deficiência?

Lisa – Oh, Tomás! Crianças que não são normais.

Emma – Prefiro dizer «crianças com deficiência».

Lisa – Está bem. Mas falta-lhes o quê? Um braço, uma perna?

David – É mais como se lhes faltasse um parafuso...

Emma fulmina-o com o olhar.

Emma – São crianças com perturbações do desenvolvimento. Algumas são autistas.

Tomás parece não conhecer o termo.

Tomás – Ah, sim, autistas...

Emma – Algumas têm dificuldades em comunicar com os outros.

Lisa – Então podias tratar do meu marido. E tu, David? Também trabalhas com malucos?

David – Não exatamente. Sou professor de Educação Física numa escola. Embora por vezes me pareça que também trabalho com pessoas com dificuldades motoras...

Emma – David, por favor!

David – A minha mulher não aprecia piadas sobre esse assunto.

Lisa – Professor de ginástica! Agora percebo... Nota-se bem o peito debaixo dessa camisola justinha.

Tomás – E depois o grosseiro sou eu!

Lisa – O quê? Não podemos tocar, mas podemos apreciar, não podemos?

Os convidados mostram-se embaraçados.

Emma – Bom, talvez não devamos incomodar-vos mais. David, os meus pais estão à nossa espera para jantar, lembras-te?

David – Os teus pais? Ah, sim, claro.

Lisa – Já estão fartos de nós?

Emma – De maneira nenhuma! É que...

Lisa – Estás a ver, Tomás? Se tivesses alguma conversa, tínhamos mais amigos. E não é com os cartões de visita que...

David – Cartões de visita?

Tomás – Vocês têm cartões de visita?

David – Sim, claro... Sobretudo a Emma, por causa do trabalho.

Lisa – Para distribuir aos tolos que encontra fora do trabalho.

Tomás – Então deixem-nos um, quando saírem.

Lisa – E têm filhos?

Emma – Sim. Um rapaz e uma rapariga. Neste momento estão com a minha mãe.

Lisa – Então porque é que vieram, afinal?

David – Como assim?

Emma – Porque nos convidaram.

David – Combinámos vir beber um copo por volta das nove.

Tomás – Entre as oito e meia e as nove, para sermos exatos.

Emma – Seja como for, convidaram-nos, não foi, Tomás?

Lisa – Vieram gozar contigo, Tomi. Foi por isso.

Emma – Mas que disparate! De maneira nenhuma!

David – Importa assim tanto se chegámos às oito e meia ou às nove?

Tomás – Importa, pois! Quer dizer que passaram esse tempo todo a pensar se vinham ou não.

Lisa – E agora já querem ir embora. Há coisas que não se fazem!

Tomás – Pensaram: «Se aparecermos às nove, é menos meia hora que temos de os aturar.» Foi ou não foi?

Lisa – Exatamente! Nem sequer merecemos que venham ao princípio do horário que combinaram!

Emma – Mas chegámos dentro do horário. Combinámos entre as oito e meia e as nove.

Tomás – Às nove e dois!

David levanta-se.

David – Isto já ultrapassa os limites! Viemos beber um copo, trouxemos champanhe, oferecem-nos bolachas rançosas e ainda somos insultados!

Tomás – Ah, trouxeram champanhe? E porque é que trouxeram champanhe?

David – Porquê?

Tomás – Para nos fazerem sentir inferiores, ora essa!

Emma – Inferiores?

Lisa – Para nos humilharem! «Naquele pardieiro nunca devem beber champanhe. Levamos-lhes uma garrafa para variar da cerveja barata.» Foi isso que pensaram!

Tomás – E nem sequer do mais caro! Um champanhe de promoção. «Eles nem vão notar a diferença.» Como se nós nunca tivéssemos bebido champanhe!

Lisa – Já bebemos, sim senhor! E do bom.

Tomás – No casamento da tua irmã, o ano passado. Não era Dom Pinguim?

Lisa – Dom Pérignon, Tomás! E era bem melhor do que essa sidra com gás que trouxeram.

Emma – Isto está a tornar-se ridículo.

David – Suponho que já tivessem começado a beber antes de chegarmos.

Lisa – Ouviste, Tomi? Agora chama-nos alcoólicos! E tu não dizes nada?

Tomás – Isso não se faz, David. Não se fala assim com os amigos.

Lisa – E as nossas bolachas também não são suficientemente boas para vocês?

Tomás – Achaste-as rançosas?

Lisa – A mim pareceram-me umas bolachas perfeitamente normais.

Tomás – Normais, Lisa. Mas não te esqueças de que o senhor é professor.

Lisa – Professor? Ora essa! Professor de ginástica! É preciso um curso superior para isso ou basta pôr uns calções e estufar o peito?

David – Vamos, Emma. Não temos de ficar aqui a ouvir insultos.

Lisa – Isso, vai jantar com a sogra. Podias ter inventado uma desculpa melhor.

Tomás – Ninguém tem assim tanta pressa de ir jantar com a sogra.

Lisa – Para a próxima combinem uma desculpa igual, pelo menos.

Emma – Eu bem te disse que não queria vir.

Preparam-se para sair.

Tomás – Aonde pensam que vão? Já se vão embora? Isso não é muito educado.

David – Como já dissemos, estão à nossa espera para jantar.

Tomás – Ainda há champanhe. Não o vamos deitar fora!

Lisa – E depois provam a nossa cerveja.

Emma – Já bebemos o suficiente. Temos mesmo de ir.

Tomás põe-se à frente da porta.

Tomás – Em minha casa sou eu que decido quando é que as visitas saem.

David – Ah, sim? E pensa impedir-nos à força?

Tomás – Porque não?

David – Seja razoável, Tomás. Mal se aguenta de pé.

Tomás – Pois, mas tenho um argumento mais convincente.

Tomás saca um revólver. David e Emma ficam aterrorizados.

David – Começámos com o pé esquerdo. Porque não nos acalmamos todos e tomamos mais um copo antes de nos despedirmos como bons amigos?

Tomás – Assim está melhor. Não queria que fossem embora com uma má impressão.

Lisa – E não queríamos que deixassem de ter vontade de voltar. Somos gente simples, mas sabemos receber.

Tomás – E temos orgulho. Lisa, traz mais cerveja e uns copos.

Lisa – Não temos nenhuma fresca.

Lisa vai buscar algumas latas de cerveja e uns copos.

Tomás – Não faz mal. Nunca ninguém morreu por beber cerveja à temperatura ambiente.

Lisa – Não te importas de a beber morna, pois não, Marta?

Emma – De maneira nenhuma. Por favor, não se incomodem.

David – Está perfeitamente bem, obrigado.

Lisa – Costumamos beber diretamente da lata, mas como temos visitas vou buscar uns porta-copos.

Emma – Não precisa de se incomodar.

Lisa sai.

Tomás – Vá, agora que somos amigos, não precisamos de tantas cerimónias, pois não?

David – Naturalmente... Se assim prefere.

Tomás serve a cerveja nos copos. Lisa regressa com vários porta-copos diferentes e põe-nos na mesa.

Tomás – Isto é que é beber um copo como deve ser!

Brindam.

Lisa – Saúde!

Tomás – À amizade, Davi! Posso chamar-te Davi?

David – Claro que sim.

Tomás – É que David, sem querer ofender...

David – Os meus amigos chamam-me Davi.

Tomás – Estás a ver? Adivinhei!

Lisa – O meu marido nasceu para psicólogo.

Emma – Já reparei.

Tomás – A mim chamam-me Tomi. E tu, minha linda, tens alguma alcunha carinhosa?

Emma – Não, que eu saiba...

Lisa – Vá lá, não sejas tímida.

Emma – Quando era pequena, os meus pais chamavam-me Emi.

Lisa – Emi? Mas Emi não pode ser diminutivo de Marta.

Emma – Não, é que o meu nome verdadeiro é...

Lisa – Então fica Marta. Marta nem sequer precisa de diminutivo. Sirvam-se das bolachas!

Tomás – Canapés, Lisa. Diz-se «canapés». (*Aos convidados.*) Que tal está a nossa cerveja?

David – Está... muito agradável.

Emma – Tem um sabor... muito particular.

Lisa – «Um sabor muito particular»...

Tomás – Estava a brincar! Não precisam de fingir que gostam.

Lisa – E que interessa o sabor?

Tomás – Com umas latas destas esquecem-se os problemas. Come outra bolacha, Marta.

Emma – Obrigada.

Emma obriga-se a comer outra bolacha.

Tomás – Então, que fazemos agora? Jogamos uma partidinha de póquer?

Lisa – Póquer a despir? Ó Tomás, não se convida gente que vem cá pela primeira vez para jogar póquer a despir! Não leste aquele livro de boas maneiras?

Tomás – Eu disse póquer, não póquer a despir! Estás cada vez mais surda! Ou voltaste a ouvir vozes? Estás assim com tanta vontade de ver o rabo ao Davi?

Lisa – Estava a passar um metro nesse preciso momento.

Tomás – Pois, recebes mensagens do céu, mas misturadas com o anúncio da próxima estação. Mais alguém ouviu o metro?

Emma – Não.

Tomás – Tens uma linha do metro na cabeça, Lisa! E um dia destes ainda descarrila.

David – Acho que desta vez ouvi qualquer coisa.

Lisa – Estás a ver? Não estou maluca!

Tomás – Bom, deixemos o póquer. Parece que ninguém quer jogar.

Tomás mostra o revólver.

Tomás – E uma roleta-russa, apetecia-vos? Há imenso tempo que não jogo. Curiosamente, todos os meus antigos parceiros já morreram.

David – Eu, pessoalmente, prefiro o póquer. Não é, Emma?

Emma – Sim, porque não? Não conheço bem as regras, mas aprendo depressa.

Lisa – Não se assustem, o Tomás está a brincar.

Tomás – Ainda não estamos bêbados que chegue para a roleta-russa. Talvez ao fim da noite.

Emma – E que tal uma partida de Scrabble?

David lança-lhe um olhar preocupado e reprovador.

David – Não sei se os nossos amigos...

Lisa – O que é isso?

Tomás – Só pelo nome, já me parece uma seca.

David – Bom, esqueçamos o Scrabble. Já tenho de jogar todas as sextas-feiras com a minha sogra.

Emma (*ressentida*) – Não sabia que te incomodava tanto.

David – Pois agora já sabes.

Lisa – Vá, pombinhos, não discutam! Seja como for, não temos jogos de mesa.

Tomás – Não tínhamos um jogo da glória? Apetece-te, minha flor?

Lisa – Ó Tomás, não vamos propor à rapariga jogar ao jogo da glória. O que é que ela há de pensar?

Tomás – Eu gosto. Jogávamos muito na prisão, com um cartão e botões de camisa.

Emma (*com uma risada nervosa*) – Deviam calhar muitas vezes na casa da prisão...

Silêncio sepulcral. David lança um olhar de censura a Emma. Tomás desata às gargalhadas.

Tomás – Ah, ah, ah! Essa foi boa, Emi!

Lisa – Afinal até tens graça!

Tomás – Era uma versão especial. Substituímos a casa «vai para a prisão» por «vai para o bordel».

Lisa – Fui eu que confisquei o jogo. Por isso ainda o temos.

David – Ah, sim...

Tomás – Querem vê-lo?

David – Sim... Porque não? Não é, Emi? Quer dizer, Emma.

Tomás – Entretanto, bebamos mais qualquer coisa.

Tomás volta a servir os convidados, afastando ligeiramente o revólver que está em cima da mesa. David e Emma seguem o gesto com inquietação.

Emma – Não sei se será prudente. Além disso, a minha mãe deve estar à nossa espera.

David – Se é só isso...

Emma lança-lhe um olhar furioso.

David – Agora que somos amigos, posso fazer-te uma pergunta, Tomás?

Tomás – Se somos amigos, chama-me Tomi!

David – Muito bem, Tomi. O que te levou... à gaiola? Quero dizer, como foi essa história do erro judicial?

Tomás – Qual erro judicial?

Lisa – Qual deles? A vida do meu marido é uma sucessão de erros judiciais. Até o nascimento dele deve ter sido um mal-entendido!

Tomás – Na cadeia chamavam-me «O Inocente».

Lisa – Não sei se era apenas por causa disso.

Tomás – O destino nunca me deu descanso.

Lisa – A primeira vez que foi preso foi por assalto à mão armada.

Tomás – Como o banco era mesmo por baixo da minha casa, o empregado pensou que me reconhecia. Claro que me via passar todos os dias, a caminho do café!

David – E esse assalto foi... com esta arma?

Tomás pega no revólver.

Tomás – Esta? Não. Esta é de sabão.

Emma – De sabão?

Tomás – A verdadeira está numa gaveta da cozinha. É uma bela cópia, não é?

David – Impressionante.

Tomás – Fi-la na prisão. Para tentar fugir.

David – Tens muito jeito com as mãos.

Lisa – Confisquei-lha antes de ele fazer alguma asneira. Com as reduções de pena, já lhe faltavam poucos anos.

Tomás – Os últimos anos são os piores. Como num casamento.

Emma – Portanto, não é uma arma verdadeira...

Tomás examina o revólver e volta a pousá-lo na mesa.

Tomás – Uma obra de arte. Levei meses a fazê-la. Pena nunca a ter usado.

David e Emma ficam sem palavras.

Emma – Bom... Talvez esteja na hora de irmos embora.

David – Acho que preciso de mais um copo antes de sair.

David, já bastante tocado pelo álcool, abre outra lata de cerveja e serve-se.

Emma – Então agora também estás a beber mais cerveja.

Lisa – Ainda há um resto de champanhe. Não vamos desperdiçá-lo.

David – Tens razão, Lisa. Era uma pena.

David deita o champanhe que resta no copo de cerveja.

Emma – Outra vez a misturar cerveja com champanhe?

David – Não, querida. Isto é uma «Ressaca de Champanhe». É completamente diferente.

Tomás – A mim parece-me a minha Cerveja Royal.

David – Só muda o nome, Tomás. E acabei de o inventar. (*Prova.*) Um sabor invulgar, mas nada mau. Melhor do que a cerveja sozinha. Alguém quer provar?

Tomás – Já não há champanhe.

David – Então brindemos a nós!

Bebe o copo de um só trago.

Emma (*tentando acalmá-lo*) – Não achas que já bebeste que chegue?

David – Não te preocupes. Um pequeno excesso de vez em quando não faz mal.

Emma – Mas a minha mãe deve estar à nossa espera...

David – Chega! A tua mãe não está à nossa espera! Achas que ainda não perceberam? Vamos a casa dela às sextas-feiras. E lá não se combina «entre as oito e meia e as nove». É às sete e dez em ponto!

Tomás e Lisa trocam um olhar perplexo.

Lisa – Parece que isto ainda vai acabar mal...

Emma – Pois eu vou-me embora.

David agarra no revólver e aponta-o a Emma.

David – Não vais a lado nenhum, Marta!

Emma – David! Mas isso é de sabão!

David – Sim, mas mesmo assim...

Um silêncio de perplexidade.

Lisa – Tomás, tens a certeza de que esta não é a verdadeira? A cópia está tão bem feita...

Tomás – Achas?

Tomás tira o revólver das mãos de David e examina-o.

Tomás – É verdade, está tão bem feito que até eu me enganei.

Lisa – Mas esta é a verdadeira, Tomás! É normal que pareça verdadeira.

Tomás – Pois é. Tens razão.

Emma fica petrificada.

Emma – Nunca pensei que um dia me apontasses uma arma! A mim, tua mulher!

David – Pensei que fosse de sabão...

Lisa – Olha que a podias ter matado, Davi.

Tomás – Quando não se tem prática, as armas podem ser perigosas...

Lisa tira-lhe a arma.

Lisa – Basta um disparo. E esta antiguidade nem sequer tem segurança!

Lisa volta a pousar o revólver na mesa.

Tomás – Vá, sentemo-nos todos e bebamos mais um copo, está bem?

Tomás volta a servir as bebidas.

Lisa – Parece-me que já acabámos com as bolachas.

Tomás – Com tanto petisco até me está a dar fome. A vocês não?

David – Sim...

Tomás – Ficam para jantar? Já que afinal não vão a casa da sogra.

Emma também parece já bastante embriagada.

Emma – Devo ter-me enganado... Hoje não é sexta-feira?

David – Não, mas não queremos abusar da vossa hospitalidade.

Lisa – Nem temos nada no frigorífico. Só pão duro.

Emma – Têm leite e açúcar?

Lisa – Acho que sim...

Emma – Posso fazer rabanadas!

Tomás – Rabanadas?

Emma – Fazíamos muitas quando eu era pequena. São muito rápidas. Cinco minutos e estão prontas! E assim não se desperdiça o pão. (*A Lisa.*) Mostras-me a cozinha?

Lisa e Emma saem para a cozinha.

Tomás – Ah, as mulheres... Ao menos temos cinco minutos de sossego.

David – Pois...

Silêncio.

Tomás – Eu também ouço o metro.

David – A sério?

Tomás – Era só para a chatear.

David – Ah, estou a ver.

Tomás – Sabes qual é o teu problema, Davi?

David – Não.

Tomás – A tua sogra.

David – A tua mulher tem razão, Tomás. És um psicólogo nato.

Tomás – Não te disse?

David – Sim...

Tomás – Se quiseses, posso livrar-te dela.

David – Perdão?

Tomás – Não estás farto de jogar Scrabble todas as sextas à noite?

David – Sim, mas...

Tomás – Vá lá, Davi! Um homem a sério não joga Scrabble. Joga póquer! Scrabble é coisa de mulheres! És professor de Educação Física ou não?

David – Sou, mas...

Tomás – Claro que haverá algumas despesas.

David – Estás a falar a sério, Tomás?

Tomás pega no revólver que está em cima da mesa.

Tomás – Este brinquedo antigo já fez muita gente feliz.

David – Feliz?

Tomás – O assalto ao banco foi o meu primeiro trabalho. Mas depressa percebi que os assaltos não eram para mim.

David – Compreendo...

Tomás – Muito arriscados. Sobretudo na minha idade.

David – Os reflexos já não são o que eram.

Tomás – Exatamente! E dez anos de cadeia, com o fígado que tenho, podem transformar-se em prisão perpétua.

David – Portanto decidiste abandonar o crime.

Tomás – Não exatamente. Arranjei uma coisa mais sossegada.

David – Isso é tranquilizador...

Tomás – Comecei a trabalhar por conta própria, com a Lisa. Ela também percebe de armas. Conhecemo-nos na prisão, já te disse?

David – Sim.

Tomás – A recolha do lixo é uma fachada. O meu trabalho verdadeiro é tratar das pessoas que incomodam os meus clientes.

David – És segurança particular?

Tomás – Não propriamente. Costuma chamar-se «assassino a soldo».

David – Assassino a soldo?

Tomás – Prefiro «caçador de recompensas». Como aqueles pistoleiros dos filmes antigos.

David – Ah... compreendo.

Tomás – Conheces aqueles westerns antigos, não conheces?

David – Sim... claro.

Tomás – Na cadeia tinha um cartaz de um cowboy na porta do armário. Levava uma carabina de cano curto num coldre preso à coxa por uma tira de couro, como uma liga.

David – Uma liga?

Tomás – Os outros presos gozavam comigo. Eles tinham fotografias de mulheres com meias e ligas. Eu tinha a de um cowboy.

David – Mas, Tomi, um caçador de recompensas e um assassino a soldo não são exatamente a mesma coisa, pois não?

Tomás – Depende de como se vê. Eu também ligo a sociedade das pessoas que lhe causam problemas. É uma espécie de justiça. Justiça privada, pronto.

David – Visto assim...

Tomás – Então, que me dizes, Davi?

David – Não sei... É caro?

Tomás – Faço-te um preço de amigo.

David – É tentador, admito, mas...

Emma entra com uma frigideira.

Emma – Cá estão as rabanadas!

Tomás – Se quiseres tratar das duas, faço-te um preço especial.

Lisa chega com uns pratos.

Lisa – Olha, afinal estão a dar-se bem!

Emma – Sobre o que estavam a conversar tão baixinho?

Tomás – Negócios, Marta. Não te preocupes.

Emma serve as rabanadas.

Emma – Há para todos. Tinham uma boa quantidade de pão duro na cozinha.

Lisa – Acho que aquele pão já cá estava quando nos mudámos.

David – Para mim não, obrigado.

Tomás – O antigo inquilino devia criar coelhos em gaiolas.

Lisa – Não me admirava. Era um antigo colega da prisão que me cedeu este palácio quando se reformou. Se calhar gostava de ter gaiolas em casa. Com presos mais dóceis.

Tomás começa a comer.

Tomás – Isto está mesmo bom! Uma cozinheira de primeira! Se calhar devíamos ficar com ela mais um bocadinho, não achas, Davi?

Riem-se todos.

Lisa – Tem piada, não tem?

David – O que é que tem piada, Lisa?

Lisa – Sinceramente, nunca pensei que aparecessem. E agora estamos todos aqui a comer rabanadas feitas com pão duro.

Emma – A sério? E porque não?

David – Agora já podemos confessar: hesitámos bastante antes de vir. Tu própria, Emma, não querias. Dizias que eles não eram propriamente o nosso género.

Tomás – Ora aí está! Era exatamente o que a minha mulher dizia de vocês.

Emma – Naquele restaurante falámos muito pouco. Não chega para se conhecer uma pessoa.

Tomás – Pois. E às vezes a primeira impressão está certa.

Lisa – Costumam ir àquela pizzeria?

David – Foi a primeira vez. É um sítio bastante... pitoresco, não acham?

Emma – O meu marido achou que parecia uma pizzeria dos filmes de mafiosos. Entrámos por curiosidade. E vocês vão lá muitas vezes?

Tomás – É lá que trato dos meus negócios.

Emma – Negócios? Pensei que trabalhavas na recolha do lixo.

Tomás – E trabalho. Trato de lixo. Só que privatizei uma parte do serviço.

Emma – Percebo. Eu também gostava de trabalhar por conta própria, mas tenho algumas dúvidas.

Lisa – Com os teus malucos, queres dizer?

Emma – Como psicóloga, sim. E tu trabalhas mesmo na limpeza?

Tomás – Pode dizer-se que sim.

Emma – E a tua mulher ajuda-te?

Lisa – Trabalhamos juntos.

David – A sério?

Tomás – Dividimos a limpeza. E, quando é preciso, eu acabo o trabalho com a serra de recortes.

David – Eu bem disse que este tipo tinha ar de ter uma serra de recortes...

Emma – Trabalhar em casal deve ser ótimo, desde que as pessoas se deem bem.

Tomás prepara-se para acender um cigarro.

Lisa – Aqui não, já sabes.

Tomás – Então, Davi, fumas?

David – Não, obrigado. No meu trabalho...

Tomás – Vem comigo à varanda. Podemos continuar a falar de negócios.

David – Não sei se...

Emma – Vai, David, vai.

David – Está bem...

Saem os dois.

Emma – Não devias continuar com ele.

Lisa – Com quem?

Emma – Sou psicóloga. Acredita, o Tomás é um psicopata.

Lisa – Queres dizer que é perigoso?

Emma – Acabou de sair da prisão e anda armado!

Lisa – Ah, pois é!

Emma – Pelo menos não te trata mal?

Lisa – Não ajuda muito em casa. Uma vez apanhei-o a fazer chichi no lava-loiça, com a louça suja lá dentro.

Emma – Meu Deus! E nunca pensaste em divorciar-te?

Lisa – Não... Mas muitas vezes penso em matá-lo.

Emma – Ah... Bem, já é um princípio. Mas o que te prende a um homem assim?

Lisa – O hábito, suponho. E o medo de não encontrar outro igual, ou ainda pior.

Emma – Pior? Achas possível?

Lisa – Trabalhei numa prisão. Acredita que é. Escolhi o melhor entre os piores.

Emma – Pois, mas era uma prisão. Seria como se eu tivesse escolhido o meu marido num hospital psiquiátrico e tivesse ficado com o menos louco.

Lisa – É a vida. Dizem que muita gente conhece o futuro cônjuge no trabalho. E tu? És feliz com o David?

Silêncio embaraçoso.

Emma – Posso confessar-te uma coisa, Lisa?

Lisa – Claro! Somos amigas, não somos?

Emma – Se calhar é por ter bebido um bocadinho... E por me dar tão bem contigo... Nunca contei isto a ninguém.

Lisa – Então conta, Emi.

Emma – Conheci alguém.

Lisa – Alguém... alguém?

Emma – Sim.

Lisa – Ah, estou a ver...

Emma – Nunca pensei que me voltasse a acontecer, mas aconteceu.

Lisa – E quem é ele?

Emma – Não o conheces.

Lisa – Imagino. Quero dizer, como é que ele é?

Emma – Um amigo de infância. O filho de uns vizinhos da minha mãe. Quando éramos novos até tivemos um namorico. Depois passou muito tempo num centro de recuperação... Encontrei-o outra vez há um mês, quando fui visitar a minha mãe, e foi como se nunca nos tivéssemos separado.

Lisa – E que vais fazer ao Davi?

Emma – Não sei. Tenho tanta vergonha. Acho que ainda gosto do David, claro... Mas o Moisés dá-se tão bem com a minha mãe...

Lisa – Moisés?

Emma – É o nome dele. Confesso que também já pensei em matá-lo.

Lisa – Mas porquê? Se acabaste de o reencontrar!

Emma – O David! Estava a falar do meu marido!

Lisa – Ah, pois...

Emma – É uma ideia absurda, evidentemente.

Lisa – Não necessariamente.

Emma – Achas mesmo?

Lisa – O teu marido é daqueles que gostam de ter tudo assegurado, não é? De certeza que tem um seguro de vida.

Emma – Tem.

Lisa – Então, se alguma coisa acontecer ao David, ficas viúva.

Emma – Sim, claro.

Lisa – E uma viúva com dinheiro.

Emma – Mas porque haveria de acontecer alguma coisa ao David? Tem uma saúde de ferro! É professor de Educação Física!

Lisa – Deixa isso nas mãos de profissionais.

Emma – Profissionais?

Lisa – Posso tratar do assunto, se quiseres.

Emma – Mas qual é exatamente a tua profissão?

Lisa – Trato de contratos.

Emma – Contratos? Contratos de trabalho?

Lisa – Contratos sobre a vida de certas pessoas.

Emma – Seguros de vida?

Lisa – Mais propriamente seguros de morte.

Tomás e David regressam.

Tomás – Não te vais arrepender.

David – Assim espero.

Tomás – Então, meninas, está tudo bem por aqui?

Lisa – Também estivemos a falar de negócios.

Tomás – Ah, sim?

Lisa – Parece-me que os negócios estão a melhorar, Tomi.

Emma – Bem, está na altura de irmos. Não é, David?

Lisa – Não querem ficar para jantar?

Tomás – Podias ter levado esta louça suja para o lava-loiça. O que é que os nossos amigos vão pensar?

Lisa – Se a ponho no lava-loiça, tu fazes chichi lá dentro! A sério, não ficam?

David – Não queremos abusar da vossa hospitalidade.

Tomás – Fica para outra vez.

Lisa – Pensa no que te disse, Marta.

Emma – Claro. Aqui tens o meu cartão, caso queiras telefonar-me.

David (*para Tomás*) – E aqui tens o meu.

Tomás – Estás a ver? Eles têm cartões de visita!

Lisa – Boa viagem de regresso.

David – Obrigado por tudo. Vamos, Marta?

Emma – Na verdade, chamo-me Emma.

David – Para a próxima, vêm vocês a nossa casa.

Lisa – E dessa vez levamos nós as bebidas.

Emma (*em voz baixa, para David*) – Não vais perguntar-lhe pela serra de recortes?

David – Para a tua mãe?

Emma – Para as prateleiras da casa de banho!

David – Se calhar é melhor esperar até nos conhecermos um pouco melhor.

Despedem-se com apertos de mão.

Lisa – Então, que tudo vos corra bem.

Tomás – Vá, até à próxima!

Emma (*em voz baixa, para David*) – Estás a ver? Tem um aperto de mão mole!

David e Emma saem.

Lisa – Afinal, sempre vieram.

Tomás – E até nos demos bem, não foi?

Lisa – Mas não me parece que esta amizade vá durar muito.

Tomás – Com a nossa profissão não é fácil conservar amigos.

Lisa – Mesmo assim, devíamos convidar pessoas mais vezes.

Tomás – Pois devíamos.

Uma pausa.

Lisa – Tinha razão. Acho que devíamos mandar fazer cartões de visita.

Tomás – Brindo a isso!

Esvaziam os copos.

Lisa – Desta vez ouviste, não ouviste?

Tomás – Ouvi o quê?

Lisa – O metro!

Tomás – Não.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Naufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Abril de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-183-1

Documento para download gratuito